

# A oralidade e a identidade nos contos de Luuanda

Ferreira, Andréa Nogueira do Amaral<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Letras e Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Docente das Faculdades Integradas Pitágoras - FIPMoc.

## RESUMO

Este trabalho pretende mostrar a oralidade desenvolvida na narrativa dos contos de Luuanda e o sentido de busca por uma identidade ainda em processo de formação encontrado em tais produtos literários. José Luandino Vieira ficou conhecido pela expressividade literária e apaixonada por Luanda. O presente estudo tem o intento de trazer à tona suas marcas literárias através de um estudo de caso que faça perscrutar a essência do autor. Observa-se que, nos contos de Luandino, a oralidade manifestada e a estilística de sua escrita incorporam os fenômenos socioculturais nos quais suas ideias comungam, sendo um produto válido e pertinente para conhecer efetivamente um contexto político e sociocultural de uma terra. Em Luandino, tem-se a perspectiva da literatura ampliada e combinada com a vida, tornando sua narrativa um observatório privilegiado de leituras de cenários históricos e socioculturais de um povo aliados à vazão artística do autor, o que torna a obra viçosa e profunda

**Palavras-chave:** Literatura. José Luandino Vieira. Contos de Luuanda.

## INTRODUÇÃO

Luuanda é uma das obras de José Luandino Vieira, escrita numa das muitas prisões pelas quais passou. Nascido em Portugal, imigrou ainda criança com seus pais para Angola em busca de melhores condições de vida na colônia (MIRANDA, 2008). Cresceu nos musseques de Luanda e lutou pelo Movimento Nacional de Libertação de Angola, sendo essa a razão de ter sido preso diversas vezes pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). Ao todo foram 11 anos de prisão, o que o levou a produzir diversas obras, sendo publicadas apenas em 1972, quando passa a viver em prisão domiciliar em Portugal (PEICY, 2010).

José Mateus Vieira da Graça torna-se José Luandino Vieira. Paixão declarada por Luanda o faz trocar o nome e lutar pela independência de Angola (PEICY, 2010). Suas obras são marcadas pela tensão entre a sociedade colonial e a sociedade angolana. A literatura é marcada pela oralidade como um grito de liberdade de um país que ainda não tinha voz:

A história das letras em Angola se mistura ostensivamente à história do país. [...] O processo literário se fez seguindo a linha das lutas para conquistar a independência nos mais diversos níveis. Surgida no contexto colonial, a Literatura Angolana marcou-se pelo selo da re-

sistência e, sobretudo a partir dos anos 1940, alinhou-se entre as forças decididas a construir a nacionalidade angolana, participando de movimentos empenhados na construção de uma identidade cultural (CHAVES, 2005, p. 20).

O trabalho literário de Luandino Vieira é pertinente ao denunciar o jugo colonial e propor possíveis caminhos para a verdadeira independência angolana (PEICY, 2010). Destaca-se, nas entrelinhas, a importância da construção da identidade para firmação de um sujeito histórico impondo valores contra o poder instituído.

Este trabalho tem por objetivo analisar os contos de Luuanda (2006), mostrar a construção da oralidade na linguagem de Luandino e a busca da conscientização do oprimido como forma de incutir a revolução, a não aceitação e, assim, propor a construção de uma nova realidade. Apesar da obra de Luandino Vieira (2006) ter sido escrita no momento antes da independência de Angola, sua narrativa se mostra pertinente e atual por desenraizar contradições e impasses tão comuns e inerentes ao ser humano.

## METODOLOGIA

Para se partir da análise objetivada, através de um estudo descritivo, desenvolveu-se um estudo de caso da obra de Luandino, a obra “Luuanda” publicada em 1963 originalmente.

O estudo empreendido procurou aproximar-se da construção literária do autor em questão, sondando de sua narrativa os elementos essenciais que motivam sua escrita, as fenomenologias idealistas, políticas e artísticas. A oralidade narrativa foi o núcleo da investigação, o aspecto essencial para a leitura ampla da obra de Luandino e sua representatividade, como se quis evidenciar neste trabalho. A exposição que se segue, fruto do estudo de caso, traz um panorama em que repousa sua expressão artística e os elementos aqui pleiteados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oralidade na narrativa do escritor angolano José Luandino Vieira é representada de modo expressivo na fala das personagens protagonistas das estórias, nas quais o autor faz um apelo às raízes africanas, comprometendo-se com as tensões políticas e sociais de sua terra natal Angola (PEICY, 2010).

A língua do dominador e o quimbundo, língua do grupo Bantu, misturam-se na narrativa de forma envolvente, mostrando a riqueza da África nesse discurso típico da oralidade: “[...] Inácia queria lhe fazer má, mas, até xingando, era bom sentir-lhe. Katul’o maku, sungadibengu” (VIEIRA, p. 62, 2006).

As estórias de Luanda são passadas nos Musseques, bairros periféricos, mostrando, além da pobreza, do preconceito, a busca por um sonho, por um ideal transcrito como forma questionadora de dominação do colonizador. Trabalhando a diferença cultural de forma poética, conseguem levar encantamento ao leitor com situações cotidianas vividas nesse “entre lugar”, espaço onde passado, presente e futuro se difundem.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou procedente estético, ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia de viver (BHABHA, p. 175, 1998).

Luandino Vieira traduz na oralidade a forma marcante de expressar a busca por uma identidade fragmentada, desenraizada, vivida pelo próprio autor. Ele, que conviveu nos Musseques e lutou ao lado do MPLA pelo anticolonialismo.

Quem viaja tem muito o que contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem quem ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIM, p. 198, 1994).

Luanda se divide em três contos, sendo o primeiro deles “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”. A narrativa é enredada pela fome; Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos pelem contra a pobreza. Vavó Xíxi, uma mulher marcada pelo sofrimento que nunca tirara sua alegria: “Vavó encontrou a sua coragem antiga, sua alegria de sempre e, mesmo com o bicho da fome a roer na barriga, foi-lhe gritando, malandra e satisfeita [...]” (VIEIRA, p. 16, 2006).

Num musseque de Luanda, vive com Vavó seu neto Zeca Santos, um jovem que sofre com a fome e a falta de oportunidade de trabalho, mas que sonha em vestir camisas bonitas e conquistar o amor de Delfina: “[...] o calor das mãos dela na pele toda, nada que ficava no corpo: nem a fome a roer na barriga; nem o vinho a pôr as coisas brancas e leves [...]” (VIEIRA, p. 35, 2006).

A privação é tema da estória de Vavó Xíxi e Zeca Santos. A dificuldade imposta pela colonização impedindo dignidade de vida aos personagens, o espaço de discriminação imposto pelos musseques soa como um grito na narração de Luandino. Segundo Chaves (2009), em Luanda, os narradores da estória expõem a situação de colapso da sociedade colonial, projetando, na linguagem, os sinais da crise. “[...] E estava-me gritar eu era filho de terrorista, ia-me pôr uma queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado [...]” (VIEIRA, p.16, 2006).

O passado vem à tona na narrativa, na memória de Vavó Xíxi, remetendo o leitor àquilo que foi e o que é a vida, o antes e o durante a opressão do colonizador, o que foi destruído e o resgate, um apelo à identidade: “[...] e a lembrança dos tempos de antigamente não foge: nada que faltava lá em casa, comida era montes, roupa era montes, dinheiro nem se fala [...]” (VIEIRA, p. 21, 2006). Conforme Lyotard (1988), algumas produções africanas, em que o passado reaparece, são formas de conhecer o presente, o que só se pode dar com o que ele chama de “decomposição dos grandes relatos”, já que se torna cada vez mais difícil a identificação com grandes nomes, com os heróis e seus feitos.

O desfecho do conto envolve o leitor e coloca o autor infiltrado na estória, sensibilizado pela

dor da fome e pelas marcas do sofrimento no rosto de Zeca Santos. O trecho de Steiner (2000, p.342-343) explica bem a afirmativa acima:

Sabemos que até o fazedor mais isolado e solipsista se encontra envolvido numa teia de condições preliminares de ordem histórica, social e pragmática. Não há começo que seja uma página em branco. Por maiores que sejam os seus esforços visando individualizar, remodelar e mudar a linguagem, o autor é herdeiro de um instrumento que não lhe é próprio. [...] As intervenções da sociedade, da circunferência histórica e política, fazem-se sentir com mais força que nunca na casa da consciência. Não ocupam apenas as superfícies da percepção; reclamam acesso ao mais íntimo da sensibilidade, ao limiar gerador de formas da psique.

O segundo conto de Luanda, “Estória do Ladrão e do Papagaio”, narra a trajetória de Lomelino dos Reis no roubo a sete patos. A estória também se passa num musseque, lugar de miséria e discriminação. “[...] No sítio da confusão do Sambizanga com o lixeira. As pessoas que estão morar lá dizem e Sambizanga; a polícia que anda patrulhar lá, quer já é lixeira mesmo” (VIEIRA, p. 45, 2006).

Devido a uma deficiência física, o Garrido sofre as privações de trabalho, dos amigos, da família e do amor de Inácia, mas, em alguns momentos, apresenta-se forte, tendo como aliada a palavra. Por ser o integrante da quadrilha que fica na espreita apenas para avisar, e como portador de deficiência, a palavra aparece como sua marca de expressão, como forma de se afirmar. Podemos perceber isso nesse trecho: “... nascia dentro do Kam’tuta com aquelas frases corajosas que sempre soubera, aquela maneira de ficar ganhar mesmo quando lhe davam uma boa surra de pancada.” (VIEIRA, p. 87, 2006).

O envolvimento das personagens no roubo dos patos representa o cotidiano nos musseques, a criminalidade, a miséria, através de uma linguagem que protesta a disjuntura da sociedade local com a imposição de outra cultura, de outras normas.

A oralidade em “A estória do papagaio e o ladrão” vem mostrar mais uma vez a identidade híbrida representada pelas falas das personagens. A língua do colonizado, sendo suprimida pela língua do colonizador, ao mesmo tempo apresentando a cultura local enraizada, inerente ao povo africano. Um aspecto especial chama a atenção nesse conto de Luandino: a forma como o finaliza. Reafirmando as características das suas personagens e convidando a acreditar nas estórias, mesmo que elas não tenham

acontecido de fato: “E isto é a verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado” (VIEIRA, p. 105, 2006).

As estórias podem não ter acontecido com essas personagens, nessas mesmas situações, mas aconteceram com o povo dos musseques, estórias outras que denunciam a opressão da colonização, o sofrimento do povo, a imposição de uma identidade manifestada na linguagem e no cotidiano angolano.

Para Santos (2001), as identidades culturais não são imutáveis, são sujeitas a transformações pelo contato natural, porém, em casos de colonização, em que a mudança de identidades culturais forçadas pela imposição da cultura de outro acelera o processo de assimilação e mudança de identidade.

O terceiro e último conto de Luanda é “Estória da galinha e do Ovo”. A disputa por um ovo entre Nga Zefa e Nga Bina, duas negras vizinhas do musseque Sambizanga, envolve toda a narrativa do conto. A galinha, que pertence a Nga Zefa, bota um ovo no quintal de Nga Bina e, nesse momento, começam as reivindicações pelo ovo. Várias pessoas aparecem para opinar e a mais velha, a Vavó Bebeca, surge como mediadora:

Sukuama! O que é eu preciso dizer mais, vavó? Toda a gente já ouviu mesmo a verdade. Galinha é de Zefa, não lhe quero. Mas então a galinha dela vem no meu quintal, come meu milho, debica minhas mandioqueiras, dorme na minha sombra, depois põe o ovo aí e o ovo é dela? Sukuá! O ovo foi o meu milho que lhe fez, pópilas! (VIEIRA, p. 112, 2006).

Muita gente aparece para interferir na disputa de Nga Zefa e Nga Bina. Personagens que representam a situação política e social em Angola enredam a narrativa. Aparece Sô Zé, branco, dono da quitanda, e que logo tenta conseguir o ovo para ele mesmo, já que o milho que alimentara a galinha fora vendido por ele e ainda não havia sido pago. Passa por ali também o João Pedro, que era seminarista, o Sô Vitalino, cobrador de aluguéis, o Sô Artur Lemos, antigo trabalhador e hoje doente e beberrão. Todos queriam se aproveitar da situação e tomar posse do ovo. Por fim, aparece a polícia querendo levar não o ovo, mas a galinha, trazendo à tona a repressão e violência da polícia no período colonial. Por representar a verdadeira e concreta ameaça, a união entre os povos do musseque se restabelece, tendo como desfecho o vôo da galinha Cabíri e a entrega do ovo das mãos de Vavó Bebeca para Nga Bina com o consentimen-

to de Nga Zefa: “É, sim, vavó! É a gravidez. Essas fomes, eu sei... E depois o mona na barriga reclama! [...]” (VIEIRA, p. 132, 2010).

Esta disputa por um ovo retrata a fome nos musseques de Angola, o período difícil em que eles viviam diante da presença opressora do colonizador. Alguns trechos também retratam a violência da polícia exercendo poder sobre o povo: “... mesmo quando o sargento começou aos cocos nas costas é que tudo calou e começaram ainda arranjar os panos, os lenços na cabeça, coçar os sítios das pancadas.” (VIEIRA, p.128, 2006).

Na dominação colonial, os jogos de poder e violência eram persistentes, devido ao fato de coexistirem aqueles que aceitavam a cultura do outro e a assimilavam e os que resistiam, sendo obrigados a submeterem ao dominador sob tortura física ou psicológica. Segundo Foucault (1995), a violência age quando a resistência torna-se um impedimento qualquer sobre a ação do outro. Outro aspecto que chama a atenção nesse conto de Luandino é a gravidez apresentada na história. O final feliz concretizado pela realização do desejo de uma mulher grávida, simbolizando promessa de vida nova, um recomeço: futuro sonhado pela população angolana.

## CONCLUSÃO

Os contos de Luanda retratam, de forma singular e encantadora, a busca pela identidade representada na figura das personagens. Identidade essa que estava desenraizada, deteriorada, mas que de alguma maneira tentava mostrar seus vestígios deixados na língua e cotidiano das personagens. A mistura das línguas e sua maleabilidade nos contos apresentam uma experiência vivida, infiltrada, apreendida pelos povos dos musseques e usada como instrumento revelador das tradições traídas e reformuladas, onde, coexiste o novo com o antigo, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, que os textos literários deixam fluir.

Luandino, em sua obra, construiu um reducto artístico que incorpora idealismo, a paixão por Luanda e uma expressão de identida-

de e política vibrantes. Sua obra é um tratado da emoção e do sentimento nacional, em que suas histórias se tornam importantes elementos históricos, culturais e, conseqüentemente, literários. Conclui-se que a obra de José Luandino Vieira é uma espécie de literatura ampliada e combinada com a vida, tornando sua narrativa um observatório privilegiado de leituras de cenários históricos e socioculturais de um povo aliado à vazão artística do autor.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHAVES, Rita, 2005, **Angola e Moçambique: experiência colonial e territorios literários**. Co-tia:Ateliê.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1988.

MIRANDA, A. Poesia africana. **José Luandino Vieira**. Site Antonio Miranda, 2008. Disponível em: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/angola/luandino\\_vieira.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/angola/luandino_vieira.html). Acesso em 29 mai. 2013.

PEICY, C. A história verdadeira de Domingos Xavier: trajetória, arte e evolução. **Revista África e Africanidades**, n.10, agosto de 2010.

SANTOS, B. S. “Modernidade, identidade e a cultura de fronteiras”. In: \_\_\_\_\_. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª ed. Porto: Afrontamento, 2001.

STEINER, S. H. F. **A Convenção Americana sobre Direitos Humanos e sua integração a o Processo Penal brasileiro**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

VIEIRA. José Luandino. **Luanda: histórias**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.